

11
Comunicação - Sem Título

Autora - Maria de Conceição Tavares da Silva

Fins
ou
ferr.

Crítica - sugestiva

tem interesse

e a profissão,

A vida exige do diplomado uma forte base de cultura; mas não só
uma cultura intelectual, como um desenvolvimento equilibrado
das outras faculdades, psíquicas, morais e sensibilidade. A Universidade
deve preocupar-se com a formação dessa cultura, por um conveniente
arranjo dos programas e dos métodos; mas é indispensável um
esforço ativo de parte de estudante; por ex, reunindo equipes de
estudo.



COMUNICAÇÃO

Começo por dizer que esta cultura que reputo indispensável para a Profissão e para a Vida não consiste propriamente em ter lido todos os clássicos, ao mesmo tempo, estudado o subjectivismo da arte moderna. Será isso erudição, mas cultura parece-me que é, em boa verdade, toda uma revisão sintética desses conhecimentos de modo a permitir em face da vida uma atitude consciente e correcta. É mais que o simples desenvolvimento da inteligência, será aquilo a que o médico e pensador francês Alexis Carrel chamou a "Lei da Ascensão do espírito". Fará parte da cultura essa mal aprendida lição da coragem, do auto-domínio, da pureza, do amor dos homens, dos animais e das coisas. O homem culto sabe que é mais importante ser bom do que ser sábio.

Ao mesmo tempo que desenvolve a inteligência educa a sensibilidade e a vontade.

A isto chamo eu um espírito cultivado.

Aquele que apenas se preocupou com o enriquecimento intelectual ficou com dois terços da sua vida psíquica, eu digo numa terminologia diferente, da sua alma mergulhados num primitivismo inconcebível e indesculpável.

Não oferece dúvidas que um engenheiro culto - nos termos em que estou pensando a cultura - está em melhores condições para dirigir tècnicamente um grupo de operários do que se acaso nunca se preocupou ou o preocuparam com os problemas psicológicos dos outros. Como poderá ele ajuizar da especialização interna, da organização científica do trabalho se totalmente desconhece que coisa seja a vida psí-



quica do indivíduo que mil vezes em cada um dos seus monótonos dias repete o simplicíssimo e por isso enervante gesto de primir um botão.

Conheço pessoalmente o caso duma mulher inteligente que tendo-se licenciado em Histórico-Filosóficas se propôs ensinar Filosofia num colégio de raparigas. Eu própria me sentei nos bancos dessas aulas e vivi o caso com intensidade. As suas lições foram as mais interessantes de quantas ouvi por essa altura. Não era o ensino velho, compendiário, cheio de fórmulas inúteis. ^{ela} Ela explicava a "teoria dos contrários" de Platão e mostrava-nos o respectivo passo do Fédon, queria falar-nos do que foi no século XIX o entusiasmo pelo hipnotismo e os seus perigos e lia-nos esse curioso capítulo do livro de S. Michele que se chama a Salpêtrière.

Mas os seus quinze anos tinham passado há quase outros tantos e ela parecia despois de Fundação Cuidar o Futuro a excitação febril e vagamente angustiosa que nos causava o contacto com essas históricas mulheres dos bastidores da Ópera, como eram pungentes as dúvidas a que abriam caminho dentro de nós as interrogações da teoria do conhecimento. Semelhantes aulas provocaram as mais estranhas reacções e de tal modo foram as incompatibilidades que a professora não teve outro remédio senão abandonar as aulas absolutamente desiludida.

Pensei então muita vez, e penso ainda hoje, que àquela mulher que sabia tanta coisa e de modo tão insinuante a ensinava faltava aquele equilíbrio, aquele tacto e ^{para} ~~para~~ compreensão das almas que vem dum espírito verdadeiramente cultivado. Em vez de cultura talvez fosse preferível chamar a isto educação em sentido amplo. De resto foi este precisamente o nome que lhe deu a conferência de ^UStrecht de 1948 rea-



lizada sob a égide da ^Uunesco.



x

x x

Coisa diferente porém é constatar-se a necessidade ^rpremente que existe de que o indivíduo ao sair da Universidade seja portador duma cultura ou educação humanista deste género, e saber se temos o direito de exigir à Universidade essa mesma cultura ou educação.

Quanto a mim penso que isto é essencialmente das atribuições das escolas pré-universitárias. "A Universidade moderna supõe adquirida esta cultura geral (e ela devia está-lo em grande parte)" ^{como} essa nota o Prof. Emile Planchard. Mas será que nesse caso esta nada tem a fazer em tal capítulo? Semelhante ideia logo nos repugna se nos lembrarmos de que o jovem lhe é entregue aos 17 ou 18 anos, idade em que de todo em todo não pode estar ainda solidificada essa educação geral. De facto julgo ser mesmo entre os 18 e os 25 anos o período mais dramático da inteligência do indivíduo - por razões que seria longo enumerar.

Ora numa fase tão difícil parece-me que a Universidade não teria o direito de abandonar os estudantes ainda quando a ministração da cultura não fosse da sua própria essência.

De qualquer modo é certo que temos o direito de exigir - como de resto se estabeleceu na já citada conferência de ^UStrecht de 1948 - que em todos os programas de todos os cursos se inclinam obrigatoriamente cadeiras culturais de que destaco a Filosofia, a História da Civiliza-



ção e algumas Línguas, certamente o Inglês e o Alemão.

É claro que organizados os cursos tal como hoje estão não se poderiam criar tais disciplinas sem comprometer seriamente o êxito de todas, mas suprimindo algumas das existentes - precisamente aquelas que pelo seu carácter não interessam senão a investigadores e cientistas - havia tempo e de sobra para elas.

Neste conceito de cultura está implícita a ideia de que na cadeira de Filosofia se não iria aprender o nome de todos os filósofos e respectivas obras desde Heráclito até Hegel, nem na de História da Civilização se trataria de decorar friamente os inventos dos árabes e as causas da Reforma. O que importaria era aprender ^{a saber} e relesar conscientemente os homens e as coisas. Era ajudar o rapaz ou a rapariga a encontrar a sua verdadeira personalidade corrigindo-a, mas vivendo-a tal como é. Trata-se com efeito de que a saída para a vida, para o desempenho de certa Profissão cada um de nós não seja somente um indivíduo mas possa com razão ser considerado uma pessoa que é coisa muito diferente.

Ora acontece que, se a Universidade - ou antes o corpo docente - não tem feito pela sua parte tudo quanto devia, nós estamos também largamente em falta. Cotejar a atenção que dispensamos ao magazine em face dos livros sérios, à dança e às "toilettes" um confronto dos problemas familiares e doutros de igual importância, seria fastidioso e inútil. Todos sabemos que muito pouco nos preocupa tudo aquilo que não responde directamente aos desejos elementares.

Não tentemos desculpar-nos com a falta de tempo. Num ou noutro caso isolado assim será, mas não na generalidade. De resto que há tem-



po para tudo isso pode constatá-lo qualquer pessoa que repare no número incalculável de universitários que vemos sentados à mesa do café tardes e noites inteiras.

Tomei há tempos contacto com uma iniciativa cheia de interesse que não posse deixar de reproduzir. Cinco alunos de certo curso da minha Escola constituíram precisamente neste sentido uma equipa de estudo. Tratava-se de que desejavam criar uma cultura integral e pareceu-lhes que o trabalho conjugado potencializaria uma muito maior capacidade de apreensão. Dividiam tarefas e nas sessões de estudo, que tinham duas vezes em cada semana, punham em contacto os apontamentos elaborados, as leituras feitas, a bibliografia que tinham recolhido. Mas o mais maravilhoso é que esse grupo tinha perfeitamente clara a ideia de que a inteligência não é senão uma parcela da psique e assim era que procuravam educar ao mesmo tempo a sensibilidade e a vontade. Cada semana um deles vigiava os outros e podia aplicar-lhes certas penas.

Não tenho a certeza de que tudo isto não saiba a coisa de meninos pequenos. Uma cultura deste tipo que impede os excessos, que exige a simplificação da vida, que torna necessário o silêncio e a meditação não pode deixar de ferir todos aqueles que até hoje não tinham lançado os olhos por cima do tapume apodrecido da cultura limitada à inteligência.

De qualquer modo não será só a Universidade que vai realizar em nós semelhante mentalidade. Enquanto a nossa vida estiver sobrecarregada de conversas burguesas e de preocupações mesquinhas, enquanto não estivermos compenetrados do valor higiénico do silêncio, da medi-

tação, do exame rigoroso da nossa actividade psíquica, por muito que a Universidade venha a fazer neste sentido não seremos capazes de o assimilar. Eu julgo que a religião católica mesmo para aqueles que a não aceitam terá sempre, vista no plano puramente humano, um extraordinário valor de equilíbrio de almas através da solidão que preconiza e também muito do exame de consciência diário. (De resto, não é a confissão uma válvula de escape para as "tendências recalçadas" de que nos fala Sigmundo Freud.?)

O que nos falta - perdoem-me a franqueza - é precisamente o equilíbrio. Não é difícil notar isso na passividade com que aceitamos modas e concepções de vida desde que nos apareçam envolvidas no papel lustroso do "moderno", na atenção primitiva que dispusemos ao mais alacre, ao mais brilhante em detrimento do mais sólido e do melhor.

~~Haveria~~ ^{de} modificar um tal estado de coisas será a criação de equipas de estudo e de trabalho que poderão distanciar-se mais ou menos daquela que acima apresentei; será a leitura de obras sérias e não só leitura mas meditação; será ainda e de forma decisiva esta coisa simples que é traçar no começo de cada dia um programa e verificar ao cair de cada noite se efectivamente foi cumprido.

Inútil e talvez de mau gosto parece-me o insistir na necessidade que o rapaz e a rapariga têm duma educação deste género para um desempenho consciente da sua profissão.



C O N C L U S Ã O

A Vida, e sobretudo a Profissão, exige ao jovem licenciado uma visão do mundo que transcenda o ontológico, uma fome de além, um eterno interrogar que é no fundo toda a atitude do homem culto.

Tem o estudante o direito de exigir à Universidade essa cultura? Parece que esta tem o dever de crear cadeiras de educação ou culturais, e que ocupariam o lugar deixado vago pelas cadeiras inúteis que sobrecarregam e não formam para a Profissão nem enriquecem o espírito.

Por outro lado cada um de nós tem de colaborar intensamente com a Escola para a sua própria educação ou cultura, procurando todos os meios ao seu alcance para o fazer.

